

O *PERFURANEVE*: ENTRE A DESESPERANÇA E A RESISTÊNCIA**SNOWPIERCER: BETWEEN HOPELESSNESS AND RESISTANCE**

10.19177/memorare.v6e22019121-139

Susana Dobal⁵⁹Jorge Alam Pereira dos Santos⁶⁰

Resumo: Em *O Perfuraneve* uma sociedade confinada em um trem em movimento passa por conflitos e tensões que fazem dessa HQ um reflexo da nossa sociedade real. O artigo investiga como essa ficção científica em forma de história em quadrinho, já adaptada para o cinema e em adaptação para uma série, serve de instrumento de leitura do mundo real mesmo oscilando entre uma postura cética diante de qualquer possibilidade de reação à inevitável opressão social e uma postura mais crítica e engajada. Mesmo que contrárias, a versatilidade da obra torna as duas abordagens legítimas: se por um lado temos um retrato sombrio e preocupante de nosso futuro no planeta, encontramos também personagens e atitudes capazes de inspirar formas de resistência e atuação coletivas. De uma forma ou outra, o *Perfuraneve* confirma o potencial, nem sempre explorado de que a história em quadrinho pode possuir uma chave de leitura de nossa realidade.

Palavras-chave: *Perfuraneve*. HQ. Ficção científica.

Abstract: In *Snowpiercer* a society confined to a moving train goes through conflicts and tensions that make this comic a reflection of our real society. The article investigates how this science fiction in the shape of comic book, already adapted for film and currently being adapted to a tv series, serves as a real-world reading tool even though it oscillates between a skeptical stance in the face of any possible reaction to the inevitable oppression and a more critical and engaged posture that advocates a positioning. Despite being opposite approaches, the versatility of the work makes both of them legitimate: if on the one hand we have a dark and worrying picture of our future on the planet, we also find characters and attitudes that can inspire forms of collective resistance and action. In one way or another, *Snowpiercer* confirms the not always explored potential that comics can hold a key to reading our reality.

Keywords: *Perfuraneve*. HQ. Speed. Science fiction.

⁵⁹ Professora na Universidade de Brasília. Fez mestrado em fotografia (International Center of Photography/New York University) doutorado em História da Arte (CUNY/GC), pós-docs na Université Paris 8 e Aix-Marseille Université (AMU). E-mail: sudobal@gmail.com.

⁶⁰ Doutor em Comunicação pelo PPG-FAC-UnB (2017). E-mail: jorgealam33@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Figura 1 Recorte de O Perfuraneve



Fonte: *O Perfuraneve* (ROCHETTE; LOB; LEGRAN, 2015, p. 45), arte de Jean Marc-Rochette.

Começaremos com uma pergunta capciosa: o fantástico nos quadrinhos pode ser abordado como algo mais que evasão e entretenimento? A pergunta nos induz ao erro, pois já pressupõe que o negócio dos quadrinhos é com a ficção fantástica e que essa serve apenas à alienação e fuga, mas ainda assim, ela serve como ponto de partida para a proposta deste artigo: nossa resposta é afirmativa. Julgamos que em geral os quadrinhos, mesmo quando versam sobre animais falantes, situações improváveis e humanos com superpoderes, fornecem ainda ferramentas poderosas para interpelar o mundo que nos cerca. Testaremos essa hipótese a partir das alegorias e “linhas de fuga” de um caso particular, a HQ francesa *Le Transperceneige*. Originalmente publicada na década de 80, ela ganha o nome de *Perfuraneve* em português, na bela edição brasileira de 2015 pela editora Aleph (ROCHETTE; LOB; LEGRAN, 2015). Embora esteja longe de ser um tratado teórico, ela nos permite uma leitura perspicaz de questões que regem a organização social e as tensões que a sustentam, como sugerem tantos ecos que encontramos das situações do *Perfuraneve* nas mundo que nos cerca.

Seu potencial de entretenimento parece sólido e garantido, nela se narra a história de um trem autossuficiente que perambula por um planeta Terra devastado pelo frio, levando os últimos humanos em vagões desigual e hierarquicamente separados, até que um dos habitantes dos últimos vagões consegue sair de seu lugar e complicar toda a organização social desse mundo sobre trilhos. Com um enredo por si já tão atraente é natural que seu status de clássico da ficção científica tenha ganho uma versão cinematográfica: *O Expresso do Amanhã* (*Snowpiercer*, Bong Joon-ho), lançado

em 2013, foi estrelada pelo ator Chris Evans — um sinônimo fácil de adaptações cinematográficas de quadrinhos, a própria cara do icônico Capitão América dos estúdios Marvel. Mais recentemente, o canal TNT lançou o teaser da série *Snowpiercer* baseada na HQ e no filme, que será lançada em 2020. A história funciona como thriller chamativo (e lucrativo), o que pode tornar estranho ver nessa história (e nos quadrinhos) formas de abordar criticamente os problemas que enfrentamos como personagens coletivos e reais.

Não só essa particular saga do *Perfuraneve*, mas os quadrinhos, como mídia, figuram precariamente para um trabalho elucidativo sobre o funcionamento social e o equilíbrio, ou desequilíbrio, de tensões que o regem: diante da impressão da realidade documental que o cinema e a fotografia nos passam, os quadrinhos podem parecer duplamente falsos, superficiais e inverídicos. Estamos ontologicamente diante de universos descritivos sujeitos ao subjetivismo e imprecisão do desenho, à particularidade do traço, ao estreitamento de dados de uma situação “simplificada” intencionalmente pelo artista. Mesmo o gancho que os retratos falados tinham na realidade, foi sendo substituído paulatinamente por poderosos softwares de reconhecimento facial e nesse contexto de imagens cada vez mais acuradas tecnologicamente, o desenho é a artesanal cópia da sombra na caverna de Platão.

A percepção do potencial crítico da mídia também não aparece quando passamos pelos temas tipicamente fantasiosos que associamos aos quadrinhos. A saída imediata e usual do apreciador de quadrinhos é justificar sua empatia lançando mão das ditas produções mais sérias e pretenciosas, como as celebradas *graphic novels*, ou apontar para os quadrinhos de reportagem jornalística (como os de Joe Sacco) e as sofridas autobiografias (*Epilético*, *Fun Home*, *Cicatrizes*), obras com claras pretensões documentais e inflexões na realidade de outros temas, que escapariam, portanto, do estigma da superficialidade temática. Mas esse caminho não nos parece convincente, ele se baseia em nichos menos representativos (em termos históricos e quantitativos) da mídia.

Nosso caminho aqui seguirá a sugestão de que a melhor maneira de conferir um status diferenciado aos quadrinhos, como objeto de uma interpretação complexa da realidade, esteja justamente na radicalização de suas características fantásticas e “evasivas”. Talvez o erro do discurso crítico que denuncia e contrapõe um núcleo de verdades por trás de uma suposta ilusão é considerar que essas ilusões são matéria secundária. Recorreremos então ao exemplo contrário, o filósofo Slavoj Žižek escreve constantemente sobre as relações entre cultura pop e a situação ideológica de nossos tempos (ŽIZEK, 2009) e no filme *Guia Pervertido da Ideologia* (FIENNES, 2012), do qual foi roteirista e onde figura como personagem principal analisando os filmes literalmente de dentro de suas cenas, ele nos diz justamente que a tragédia de nossa situação é que não é só nossa realidade “objetiva” que nos escraviza, mas justamente quando tentamos fugir dela

por meio do sonho, aí mesmo somos pegos e estamos dentro da ideologia. Isto é, a aceitação e o próprio funcionamento de uma estrutura social não se dariam tão somente no nível das verdades manifestas a serem explicitadas pela crítica de conteúdos objetivos, mas sim no nível dos sonhos, das fabulações e das ficções nela produzidas, narrativas coextensivas à política e à economia e que estruturam toda a realidade. Os mitos, fábulas e ficções estão na linha de frente da ordem simbólica vigente em uma dada sociedade. Sendo assim, a abundância de fantasia que associamos aos quadrinhos, sua “fraqueza” constituinte pode ser justamente uma força motriz da interpretação de nossos tempos: no apogeu das Fake News e de descrédito do logos discursivo, estaríamos esconjurando sombras com sombras.

Nesse contexto, a saga do *Perfuraneve* permite-se duas vias de interpretação. A primeira como uma reação e sintoma a uma realidade sociopolítica circunscrita de uma situação ideológica: ele é uma metáfora sórdida da impossibilidade e inutilidade em insurgir-se e de resistir, da inevitabilidade da divisão desigual de recursos e de nosso fardo em repetir erros em diferentes configurações. Isso não é pouco. Quando pensamos na circulação de discursos otimistas e edificantes de “coaches” sobre nossa capacidade individual de mudar todo o universo a partir de e para nós mesmos, vale a pena recorrer à sagacidade de uma ficção científica em forma de história em quadrinhos para desesperarmos-nos com questões estruturais de nossa sociedade.

Por outro lado, há sempre um didatismo nas fábulas, um objetivo heurístico deliberado para “explicar” ou abordar algo outro aludido indiretamente e que escapa ao niilismo mais aparente da história. O *Perfuraneve* não apenas acusa o mundo de maneira pessimista, mas propõe alternativas e “soluções”, mesmo que simbólicas, tanto para a situação de claustro, impasse e opressão vivida pelos personagens na trama, como para nós mesmos, que assim nos permitimos identificar alguns dos problemas de uma civilização capitalista e mesmo brasileira, em constantes crises.

As duas vias tomam a obra tanto como matéria bruta a ser trabalhada ou mensagem crítica a ser decifrada. É a partir daí que abordaremos a saga do *Perfuraneve*.

2 EMBARCAR

Publicado em 1982, o primeiro volume da HQ *Le Transperceneige* surge no período de recessão econômica global severa e do surgimento do tatcherismo neoliberal. O contraste em preto e branco que caracteriza o primeiro volume acompanha o ambiente de uma época de conflitos binários trazidos pela guerra fria. A publicação em um único volume feita pela editora Casterman surge no orwerliano e emblemático ano de 1984, escrita por Jacques Lob (1932-1990) e desenhada

por Jean Marc-Rochette. Lob falece em 1990 e Benjamin Legrand assume os roteiros das edições seguintes, *O Explorador* (1999) e *A Travessia* (2000), ainda com Jean Marc-Rochette nos desenhos. Como o clássico da literatura mundial, *As mil e uma noites*, compilação de contos originalmente publicado em árabe no século IX, na qual a Sherazade garante a sua sobrevivência com uma narração interminável, a ficção científica ocorre em mil e um vagões que correm em uma disparada claustrofóbica e sem fim, o que será reforçado por refrões ao longo da história como o da abertura apresentada aqui no quadrinho do início.

No primeiro volume se inicia a inverossímil saga desse enorme trem de mil e um vagões, o *Perfuraneve*, capaz de gerar a própria energia que consome e seguir em moto-perpétuo por um planeta devastado pelo gelo e pela neve, abrigando em si os últimos seres humanos da terra. O “herói” da trama do primeiro volume é Proloff, um habitante dos fundos do trem (um “fundista”) que consegue fugir do seu vagão em busca de condições melhores, mas é inicialmente detido pelos guardas, que trabalham para garantir que cada um permaneça no seu respectivo vagão. A partir do périplo do personagem vamos conhecendo o trem e sua ordem vigente. Apesar de frustrada, a notícia de sua ousadia e coragem se espalha, inspirando alguma esperança na atmosfera fria e escura do trem (ressaltada pelo belo jogo de preto e branco que Jean-Marc Rochette imprime à obra). Uma jovem ativista que procura melhorar as condições dos habitantes do fundo, Belleau, procura saber mais sobre o caso e acaba em quarentena com Proloff, raspam a cabeça de ambos, um romance se estabelece entre os dois. As autoridades da parte da frente do trem tomam conhecimento e pedem que ambos sejam escoltados até a frente. À medida que avançamos pela “Santa Locomotiva”, camadas de neurose e infernos particulares vão se apresentando.

A começar, a diferença com a vida nos fundos é brutal: há vagões-bares, vagões-hortas, vagões-restaurantes, vagões-prostíbulo, biblioteca, cinema, orgia, e o vagão onde fica a Mama, uma fonte de proteínas do trem, uma enorme peça de carne viva, que cresce à medida em que se tira pedaços dela (embora com variações, a alimentação ressurgirá nos outros volumes e no filme, mas sempre algo asqueroso é servido para os vagões de trás). Desvendam-se também vagões-igreja, onde se pratica a religião gerada nesse microcosmo, os “irmãos da máquina” ou “pastores mecânicos”, uma mistura de adoração ao motor do trem e ao seu criador. Nos volumes seguintes o Monsenhor Dickson será o lado religioso e terá mais importância entre os governantes do trem, porém tem conduta duvidosa e é também apresentado com ceticismo.

O casal avança é levado ao presidente, que pede a Proloff notícias das condições de vida nos fundos e lhe comunica intenções de ajudar aqueles habitantes, o que se revelará falso mais adiante. Proloff é então entregue ao intelectual orgânico da máquina, e embora relutante em falar, deixa escapar que lá há mau cheiro e cadáveres por todos os lados, que eles servem de alimentos aos que ainda vivem. Não só nos fundos há espaços desconhecidos e fora de controle, eles passam por

vagões escuros onde não há qualquer forma de autoridade, são atacados, descobrem que a tentativa de ajuda ao fundo planejada pelas autoridades é falsa e a denunciam pelo rádio. Toda a ordem pré-estabelecida no trem desmorona.

Na confusão que se segue, Proloff atira no vidro que detinha o ar gelado, o que provoca a morte de Belleau congelada, mas ele é salvo pelo engenheiro e controlador da máquina, que vive isolado do resto do trem (tanto os fundos como a cabeça da máquina são zonas fantasmas e inalcançáveis pelos poderes intra vagões). Por fim, vemos um Proloff mais envelhecido (com o cabelo de volta), que toma o lugar do maquinista, após ter recusado tanto a rebelião coletiva, quanto acomodar-se em um vagão melhor. Ele se dá conta com o passar do tempo que estão todos mortos dentro da máquina, ele teria conduzido todos a nenhum destino e vaga então solitário “percorrendo a branca imensidão, de um eterno e congelante inverno de solidão, corre, de uma ponta a outra da terra, um trem cujo movimento nunca se encerra...”. Assim se encerra o primeiro volume da saga.

No segundo volume, *O Explorador*, Benjamim Legrand expande o universo ficcional e situa a história alguns anos depois da anterior em uma sociedade mais complexa. Há controle de natalidade dos vagões “inferiores” através da água, pode-se “ascender” comprando cubículos, e os mecanismos de entretenimento e poder são mais complexos. Os personagens estariam em outro trem separado que supostamente corre o risco de se chocar com o primeiro, ou assim as autoridades fazem crer a população para mantê-los sob controle com o medo do choque iminente. Não há janelas e já não se sabe se é dia ou noite. O preto e branco contrastados do primeiro volume dão lugar a uma arte de aspecto “esfumaçada”, talvez porque já não é tão simples distinguir mais o que é verdade nesse mundo. O governo produz viagens virtuais sorteadas e bastante disputadas entre a população, que precisa escapar do tédio e ter algum entretenimento imediato. Além do antigo culto oficial à locomotiva, surge a seita dos cosmonitas; liderados por um louco, o Metrônomo, eles acreditam que não estão em um trem e sim em um foguete flutuando no espaço. A hierarquia agora se dá entre vagões ao norte e ao sul e o poder é dividido por uma cúpula de governantes: o presidente, um monsenhor, um general, e um operador de Radar.

O novo trem pode fazer pequenas paradas e existem agora soldados treinados para o perigo de sair do trem e conhecer os arredores, os exploradores. Um deles, Puig Vallès, é responsabilizado pela morte de um colega, por conta disso, e principalmente por sua postura insubmissa, é enviado em uma missão suicida de onde ele milagrosamente consegue voltar e acaba sendo aclamado salvador da máquina. Ao atravessar os vagões, ele passa pelo vagão da comida e descobre que são fezes recicladas que alimentam os frangos que a maioria come. Sua ousadia desperta o interesse de Val Kennel, filha do presidente e criadora de viagens oníricas, eles formam o novo casal que tenta desvendar a verdade na segunda máquina. Puig descobre que não existe um outro vagão contra o qual eles poderiam se chocar, o antigo *Perfuraneve* foi resgatado e está dentro da nova locomotiva,

mas a farsa do choque iminente mantém acesa a ideia do risco e o controle pela manipulação do medo. Puig encarna novamente uma esperança de oposição ao poder instituído, mas dessa vez, o “herói” aceita um lugar entre os poderosos e a filha do presidente como esposa.

No terceiro volume, *A Travessia*, continuam os mesmos personagens, há um sopro de esperança: o radar começa a captar o sinal de uma canção do outro lado do oceano, eles podem não estar sozinhos. Mas as intrigas se intensificam entre os membros da cúpula, que preferem omitir a verdade da população. O Metrônomo e sua seita explodem parte do trem para provar sua teoria cosmonita. A população da parte avariada é desacoplada e deixada à deriva, junto com boa parte dos suprimentos. Há rebeliões e contra-rebeliões, Puig toma o poder cheio de boas intenções, revela a verdade sobre a existência do sinal longínquo e guia o trem perigosamente sobre o oceano congelado, em direção à fonte da transmissão (“a travessia”). Todavia, a massa acomodada sente falta da vida anterior, da loteria de sonhos, questiona sua liderança e se revolta. No final, o sinal dá para uma estação vazia congelada, eles já não têm recursos sequer para voltar aos trilhos: mesmo quando se decide pela verdade, diferente dos governantes anteriores, Puig também acaba levando a tripulação do segundo trem a uma busca em vão.

Temos então uma visão geral da obra, todavia, a descrição das ações e do enredo, não encerra o que se pode tirar dessa história, conforme sustenta Thierry Groensteen, é a interpretação que restitui a riqueza semântica das imagens nas histórias em quadrinhos, que sempre é insuficiente na descrição verbal, por mais minuciosa que venha a ser (cf. GROENSTEEN, 2015, p.130). A interpretação procura deixar evidente a concepção geral da obra que se deixa fragmentar nos quadros, ou numa descrição particular deles, capturando as ressonâncias que se estendem página a página, sublinhando como “cada quadro está em potencial, quando não de fato, em relação com todos os outros”. A interpretação também é limitada: dada a particularidade do intérprete e a riqueza inesgotável da obra, ela privilegia um entre tantos caminhos com o qual o sistema de correspondências icônicas, plásticas e sobretudo semânticas se dão na obra. Passemos a análise de dois desses caminhos, um pessimista e outro um pouco mais resistente e esperançoso.

3 DESESPERANÇA: ATRAVESSAR OS VAGÕES

Figura 2 Recorte de O Perfuraneve



Fonte: *O Perfuraneve* (ROCHETTE; LOB; LEGRAN, 2015, p. 94), arte de Jean Marc-Rochette.

Após conhecer o périplo de Proloff e Puig pelos vagões, parece que a obra nos dá um retrato sórdido do ser humano e do mundo. Diferentemente do que observamos na adaptação cinematográfica, que já começa com uma articulação coletiva dos fundos para vagões melhores, Proloff é apenas alguém que consegue se salvar por forças próprias e em nenhum momento tenta fazer de sua fuga objeto de denúncia ou comoção política. Após saber a verdade, Puig capitula, aceita participar, casar-se, ter uma posição no conselho e por fim decide que é melhor para a população não saber toda a verdade. É nítido que não estamos diante de uma fantasia frívola, sobre uma equipe de super-heróis salvando o mundo. Ao contrário, o saldo final parece ser cinismo, desesperança, um determinismo social absoluto em que a humanidade há de manter formas de opressão e manipulação mesmo diante de uma situação limite nova: o apocalipse não seria a hecatombe que prepara um mundo melhor e a maldade constituinte irá aparentemente prevalecer e permear todas as formas de organização social, sustentando relações desiguais a partir da força e do medo. Randy Duncan, ao falar sobre a ideologia nos quadrinhos, chama de “leitura conveniente” aquela na qual as posições do leitor são confirmadas pela obra. Um leitor pessimista ou mesmo conservador, facilmente encontraria eco de suas posições nesse quadro (DUNCAN; SMITH, 2009, p. 248).

As críticas que a HQ recebeu ao ser lançada no Brasil bateram na mesma tecla. Antônio Xerxenesky do blog de críticas *IMS*, nos diz que a ideia de alguma rebelião vai sendo frustrada e que a HQ mostra melancolicamente que a desigualdade social e crueldade são intrínsecos, imanescentes e inescapáveis ao ser humano.⁶¹ Enquanto que o *Blog Formiga Elétrica*, vê na visão de Lob sobre o ser humano uma ausência de alternativas, salvo repetir os mesmos erros, “com o

⁶¹ Cf. Blog *IMS Alegorias da desesperança*. Disponível em: <https://blogdoims.com.br/alegorias-de-desesperanca/>. Acessado em 10/10/2019.

agravante hedonista de importa-se cada vez menos com o sofrimento alheio”.⁶² Ambas as leituras parecem ainda plasticamente ancoradas na obra: já mencionamos a imagem constante em que vemos o trem atravessando a paisagem em quadrinhos estreitos e horizontais, que acentuam a velocidade e a paisagem deserta e gélida em volta. A legenda é um refrão que embora variado, acentua o vazio em torno, a circularidade, a inutilidade da corrida, o confinamento estratificado, “a viagem cega rumo ao nada”, a estação que seria a eternidade, reforçando a ideia de inevitabilidade daquele movimento em torno do deserto gelado. A metáfora cósmica a se extrair da obra é que a Terra e a vida nela viajam sem destino ou razão pelo universo, gratuitamente. O funcionamento do trem que percorre o vazio é tão insondável para seus passageiros como o do planeta que singra o espaço movido por forças físicas inconscientes e indiferentes – uma aproximação sugerida pela hipótese do louco de que a errância deles seria no espaço e não na Terra. Transtornado por tal perspectiva, Proloff aparece como um Bartleby das causas políticas, que se recusa a qualquer forma de cooperação, tanto com as autoridades, quanto com os antigos habitantes fundistas, vai em direção ao isolamento e, por fim, à morte. Puig, apesar de suas boas intenções, levaria todos a um fim semelhante, perseguindo canções tristes sussurradas pelo radar.

Os desenhos que Jean Marc Rochette realizou a pedido da produção do filme, como se fossem de um desenhista no trem, são ainda mais lúgubres do que o efeito luminoso (neve) e sombrio (interior do trem) do preto e branco da HQ – os desenhos em cores sombrias foram adicionados nas páginas finais junto com um posfácio que apresenta os autores. Nesse sentido, a saga do *Perfuraneve* estaria de acordo com outras distopias “cyberpunks” ou futuristas da mesma década em que foi lançado, que constroem-se sobre a semelhante premissa de um ambiente sórdido e de um porvir parcialmente desesperançoso: *Dias de um Futuro Esquecido* (Chris Claremont e John Byrne, 1981), *American Flagg* (Howard Chakyn, 1983) *O Cavaleiro das Trevas* (Frank Miller, 1986), *V de Vingança* (Alan Moore, 1983), *O Incall* (Moebius e Jorodovsky, 1980), *Akira* (Katsuhiro Otomo, 1982). Em todos esses casos, parece mais fácil imaginar o fim do mundo, o apocalipse, do que mudanças mais modestas no modo de produção e organização social, como se o horizonte de possibilidades estivesse tão fechado como a vida para habitante nos vagões do *Perfuraneve*. Ou como se não pudéssemos, a partir de nós mesmos alterar a cena coletiva. Esta leitura confirmaria a obra como a apoteose da despolitização de nosso imaginário sobre o fim do mundo. Não é gratuita a associação da obra com a ideia de fim da história de Francis Fukuyama (2015) feita pela crítica do blog *IMS* (ibidem), ou seja, a ideia de que após a queda do muro de Berlim o mundo inteiro se encaminharia para uma democracia capitalista como o único modelo possível.

⁶² CF. Formiga Elétrica. *O Perfuraneve – Não dá pra descer...* Disponível em: <https://formigaeletrica.com.br/quadrinhos/resenhas-quadrinhos/o-perfuraneve/>. Acessado em 10/10/2019.

Na versão cinematográfica, que aparentemente já começa com uma rebelião sendo orquestrada e com uma articulação coletiva, o recado final é ainda pior: havia uma linha direta entre o velho líder dos fundos (Gillian, interpretado por John Hurt) e líder da locomotiva, idealizador e construtor, Wilford (na pele de Ed Harris). Toda movimentação de personagens que tomam coragem para tomar os vagões havia sido orquestrada em detalhes pelos dois líderes. A rebelião era uma farsa, apenas um entretenimento em meio a outros. Mason (Tilda Swinton), uma representante do governo, sintetiza com sua fala cínica sobre o equilíbrio necessário para a manutenção dos peixes no aquário e dos passageiros no trem. Podemos tirar de sua fala uma malthusiana teoria populacional, de que o assassinato, o suicídio e a morte natural representam apenas que algumas pessoas devem morrer para que uma população se mantenha estável. As relações humanas e a ética ganham outra expressão nesse contexto: seria preciso, os maus, cretinos, exploradores e egoístas para garantir a complexidade e veracidade do ecossistema como um todo, como se tudo fosse necessário e nada acontecesse por acaso. Não haveria, portanto, qualquer recompensa para o bem ou para o mal, as boas ações do mundo seriam descontadas pelas más, o bem não passaria de contrapeso teatral para o mal e ambos se telefonariam como amigos quando finda a revolução (ou aceitariam se casar com a filha de seu inimigo). Não há como virar o jogo, pois o acúmulo e excedente de bem irá desencadear sua contraparte maligna. Como se oprimidos e opressores simplesmente brincassem de se desentender em função do espetáculo e que os últimos até gostassem disso, afinal eles lideram uma contra-rebelião contra Puig e em favor da volta do estado de manipulação. Não só é inútil resistir e há uma estrutural necessidade de opressão e manipulação, como a própria revolta é parte desse jogo.

4 RESISTÊNCIA: IR ATÉ AS ENGRENAGENS DA MÁQUINA

Figura 3 – Recorte de *O Perfuraneve*



Fonte: *O Perfuraneve* (ROCHETTE; LOB; LEGRAN, 2015, p. 179), arte de Jean Marc-Rochette

A HQ todavia, não fecha de forma tão absoluta as perspectivas. Assim como as imagens sacras objetivavam transmitir o conteúdo de uma verdade revelada *per speculum in aenigmate*, as diversas metáforas da obra funcionam também como contraponto a uma visão cínica da resistência. Novamente, para usar a terminologia de Duncan (ibidem), se a obra se abre a uma leitura “conveniente” com um pessimismo e até certo conservadorismo, ela permite paralelamente uma “leitura de oposição” a essas ideias. De diversas formas, a obra de Lob e Rochette parece nos dizer que as estruturas de poder e as manipulações precisam se desmascaradas, independente do “sucesso” ou “fracasso” de uma revolução e da tarefa de Sísifo envolvida em perfazê-las. Ela nos diz que também que os vagões dos fundos não podem ser ignorados, com todas as reverberações semânticas do que pode significar um trem em direção ao vazio e o vagão hierarquicamente inferior deixado para trás. Por fim, a obra serve como um alerta de um apocalipse ambiental se aproximando inexoravelmente e de nossa incapacidade coletiva em evitá-lo.

Podemos começar com o heroísmo negado por Proloff e nos questionar até que ponto ele não é de fato uma figura resistente ou que não oferece nenhum modelo de luta. Vejamos: se o trem se converte em um cubículo asfíxiante onde impera a opressão e desigualdade, as primeiras coisas que podemos nos perguntar são: por que e para quê viver nestas condições? Isto é, qual o valor da vida nesse contexto? Ou, ainda, quão extremas devem ser as privações para que ensejem uma revolta sangrenta? Proloff deixa claro que os únicos que tinham algo a perder desde o início eram os habitantes da frente. Ele vai além, faz pouco caso das benesses nostálgicas que lhe foram oferecidas e segue para a cabeça da máquina, sem parar, até desvendar a força motriz que permitia aquilo tudo funcionar, mesmo que isso possa lhe custar a vida. Sua recusa em colaborar tem um caráter simbólico: ele desdenha da vida que foi normalizada em qualquer lugar daquele trem, ele deixa claro a indignidade absoluta daquelas condições e faz uma denúncia não negociável delas. Se aceitasse qualquer posto bem colocado, o de amante de Belleau ou mesmo de herói bem-intencionado das causas humanitárias e dos desfavorecidos, ainda assim ele estaria compactuando com a existência mesma de um vagão dos fundos e da lógica que a preserva. Puig inicialmente aceita essas benesses, mas é tão encorajador como Proloff na facilidade com que as descarta em favor da verdade. Mesmo que tenha perseguido uma pista que se revelará falsa, ele lidera o trem em nome de uma última esperança.

Hakim Bey, teórico do anarquismo, nos diz que existe um ciclo nas revoluções malogradas, que passa da revolução, para traição dos ideais iniciais e posterior fundação de um estado ou situação mais forte e opressivo que o anterior. A saga do *Perfuraneve* parece fadada a esse mesmo esse ciclo: o primeiro trem, mesmo depois de sabotado por Proloff, vai parar dentro de uma máquina maior, que o utiliza como instrumento de medo e manipulação, o personagem Puig aceita (mesmo que temporariamente) se sentar entre os membros do conselho e viver em sociedade

embasada sobre a mentira. Todavia, Bey pontua que essas revoluções “malogradas” são levantes e insurreições que não devem ter seu valor menosprezado: elas sugerem a possibilidade de um movimento para fora do ciclo cármico de opressão sistêmica contra a qual se insurgem. Se está tudo fadado à repetição, o levante é “uma manobra xamanística realizada num ‘ângulo impossível’ em relação ao universo” capaz de “liberar uma área (de terra, de tempo, de imaginação)” (BEY, 2018, p.5). É nesse sentido que a existência dos habitantes dos dois expressos é sacolejada e jamais voltará a ser a mesma, eles fracassam vitoriosamente, “a visão ganha vida no momento do levante” (ibidem).

Essa é a razão porque esses movimentos revelam todo um estado de coisas desconhecidos: apenas diante da abundância dos vagões da frente sabemos que não há necessidade de vagões miseráveis como aqueles existirem, sua razão de ser é da ordem simbólica, não prática ou objetiva. Esse simbolismo abstrato dos fundos ecoa um comentário de Deleuze sobre a obra de Foucault (DELEUZE, 2016, p. 289), onde ele nos diz que havia um olhar “vidente” em Foucault, capaz de encontrar, por exemplo, “uma cadeia dentro da cadeia”. Ele era capaz de observar que ao cumprir a pena, não privamos apenas um sujeito de sua liberdade, mas o submetemos a uma série de humilhações, a todo um sistema de desmerecimento enquanto sujeito, enquanto alguém. Há um complexo sistema de penas abstratas a ser cumprido que ultrapassa a própria pena. Tal como a manutenção dos vagões dos fundos, podemos pensar que eles existem “por questões humanitárias”, aqueles que vivem melhor posicionados não poderiam simplesmente decidir sobre a vida dos desafortunados e abandoná-los. Mas eles existem para lembrar aos vagões da frente quem eles são: eles estão em um bom lugar relativo. Na passagem pelos vagões, um soldado pergunta a Proloff se eles comem a própria merda. Pois é assim que a vida nos fundos é imaginada. Se o vagão dos fundos fosse desocupado e seus integrantes eliminados, os afortunados perderiam sua própria identidade. Os vagões dos militares não estão tão distantes dos fundos (tanto lá como em nosso mundo são eles que fazem a contenção dos descontentes), mas eles marcam o tempo todo sua distinção e superioridade em relação aos fundistas. No lema do atual governante brasileiro, por exemplo, encontramos uma curiosa coincidência com o poder vigente no trem: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. A repetição da palavra “acima” revela a ânsia de hierarquia e a vontade de ignorar diferenças e exceções se trai na repetição dos polos dessa comparação: ou todos, ou tudo, e não uma composição de vozes inevitavelmente diferentes, mas que nem por isso devem ser silenciadas pelo racismo, pela misoginia, pela homofobia ou pela hostilidade reinante na apologia das armas. A HQ pode trazer alguma lucidez sobre processos muito mais próximos, mesmo dos trópicos, do que as paisagens geladas onde o trem irrompe.

Ela também nos incomoda, pois somos obrigados a questionar nosso lugar nos vagões: se não estamos tão incomodados com um sistema de distribuição desigual a ponto de atirar nas janelas que

nos manteriam vivos, como fez Proloff, é porque podemos estar em um dos lugares privilegiados, sem querer ver ou saber dos fundos. E aqui, a metáfora da *invisibilidade* dos fundos precisa ser aprofundada: se formos a uma rede de *fast food* como McDonald's, poderemos “ver” à distância como preparam nossa comida, o processo se apresenta como direto e cristalino, apesar de se tratar de uma falsa transparência do processo real de produção. Afinal, ignoramos não só o quanto ganha cada um dos funcionários (que supomos ser pouco), onde vivem (que sabemos ser longe), o trajeto da matéria prima até chegar ali (onde se produziram os alfaces e a carne dos hambúrgueres e novamente, quem os produziu e em que circunstâncias etc.) Mas também ignoramos os processos de produção de cozinhas não cristalinas, como as distantes fábricas chinesas, os subúrbios de Xangai ou do México que hoje assumem o papel da classe trabalhadora ou das redes clandestinas de atacadistas de roupas baratas que abrigam chineses ou bolivianos em muitas grandes cidades de centros desenvolvidos. Não vemos (ou não queremos ver) quem vive nos últimos vagões. E mesmo as pessoas dos últimos vagões, não veem como se produz o que chega até elas, não sabem como é feita sua comida, como também não sabem como são tomadas as decisões que as regulam. Há um mútuo ignorar: tanto os habitantes do fundo não conhecem os da frente, como os da frente esperam os do fundo para saber como é a vida lá atrás. Ouve-se falar de tragédias e martírios revoltantes, mas separados por alguns vagões é possível dormir sem grandes arroubos de consciência, como as guerras da África, os conflitos do Oriente Médio, a crise dos imigrantes sírios, a invasão das reservas indígenas e a matança dos índios brasileiros estão longe demais para nos dizer respeito. Para alguns, mesmo a favela do Complexo do Alemão pode ser uma realidade distante demais para que certos acontecimentos causem ultraje. Mas isso não impede que a máquina continue no seu movimento perpétuo.

Vejamos, por exemplo, o texto de um juiz brasileiro publicado recentemente na rede, como reação à morte da menina Ágatha Félix, de oito anos, vítima de um tiro perdido quando voltava de um passeio com a mãe, em uma Kombi, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro em 20.9.2019. A morte causou comoção nacional, com a opinião pública saturada pelo aumento dos óbitos por intervenção de policiais, pelo quinto caso de bala perdida que causou a morte de crianças no Rio de Janeiro em 2019 e por uma política de segurança pública estadual referendada pelo governador que apoia não só o “abate” de criminosos como ignora as consequências para os moradores ao redor. O juiz Luís Carlos Valois se manifesta justamente questionando a meritocracia e de tabela, o sistema que inviabiliza os vagões do fundo. Ele confessa ter sido um adolescente de classe média com recursos, mas sem muita lisura, e ser bem sucedido, enquanto a menina, que estudava inglês, fazia ballet, ficava em casa, segundo o vídeo difundido na rede com declarações do avô dela, teve sua

vida brutalmente abreviada não por falta de mérito, mas por pertencer a um contexto de risco sendo negra e morando em bairro violento, onde a polícia atua de forma arbitrária e impune.⁶³

O que une a HQ e o assassinato de Ágatha é o fato de que nem os moradores dos vagões de trás sabem direito o que se passa – um personagem incendeia um dos vagões para purificá-lo da epidemia supostamente trazida por Prollof, ato que acentua este estado quase geral de inconsciência e urgência – nem a morte de Ágatha foi o produto apenas do acaso de uma bala perdida, como bem demonstra o texto do juiz. A divisão social pré-determina o automatismo da engrenagem, o sistema se auto-sustenta para manter cada um no vagão que supostamente lhe cabe. Mas Proloff, Adeline, Puig e Val tinham em comum com o juiz Valois uma determinação de buscar entender como funciona a máquina para além dos fatos circunstanciais.

Podemos ainda considerar as alegorias da HQ como metáforas de um determinismo social e de um niilismo quanto à possibilidade de mudar qualquer coisa? Não unilateralmente. Ritter Fan, do site *Plano Crítico* fez uma análise do filme inspirado na HQ, alertando que não poderíamos fazer uma homologia apressada da situação descrita no *Perfuraneve* com a luta e divisão de classes tal qual a conhecemos, pois afinal, não se trabalha no trem, apenas se espera a morte (de variadas formas) em seu respectivo vagão.⁶⁴ Isso não é de todo preciso, parece haver no mínimo um “setor de serviços”, militares que mantêm a ordem, garçons e prostitutas nos vagões de luxo, operários da *Mama* etc. Mas a autossuficiência do trem deixa claro que não se gera, nem se apropria de riquezas geradas. A classe abastada apenas se mantém nas posições ocupadas, mas não vive da exploração direta do trabalho dos mais pobres. Não haveria, portanto, o paralelo com a divisão entre proletários e burgueses, onde os últimos vivem da exploração do trabalho dos primeiros. Há uma rígida divisão de classes, mas ela não possui fundamentos, a maneira como cada um ficou em seu respectivo vagão se perdeu em um passado já distante. Nas palavras de Proloff, ficaram nos primeiros vagões “os figurões, militares e os oficiais com suas famílias”, os primeiros a embarcar, mas de improviso, foram acoplados vagões de carga extra para dar conta dos fundistas. O momento preciso do embarque não é conhecido e é narrado retrospectivamente, como uma lenda, uma história da qual ouvimos falar com versões variadas.

⁶³ Para o caso da bala perdida e o contexto da política de segurança pública no Estado do RJ, «Veja o que se sabe até agora sobre o assassinato da menina Ágatha Félix», Folha de São Paulo, 23.10.2019. <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/veja-o-que-se-sabe-ate-agora-sobe-o-assassinato-da-menina-agatha-felix.shtml>

Para o texto breve e completo do juiz Luís Carlos Valois, ver “Nenhuma criança merece ser assassinada aos oito anos”, 23.10.2019, <https://blogdadacidadania.com.br/2019/09/nenhuma-crianca-merece-ser-assassinada-aos-oito-anos/> Ambos acesso em 2.10.2019

⁶⁴ Cf. Site Plano Crítico. Disponível em <https://www.planocritico.com/critica-expresso-do-amanha/> . Acessado em 10/10/2019.

Todavia essa suspensão das coordenadas marxistas parece apressada, a luta de classes é a tônica da obra que ganha contornos terríveis e maximizados: ela aparece como o único absoluto que sobreviverá mesmo com a eventualidade de uma catástrofe global. Zizek, citando Peter Sloterdijk, nos diz que a globalização capitalista não representa apenas abertura, mas a ideia de um domo que separa o dentro do fora, os protegidos pela esfera dos que estão fora de sua cobertura. Depois que o mundo foi transformado num globo, “a vida social só podia ter lugar num interior ampliado, um espaço interno domesticamente organizado e artificialmente climatizado” (ZIZEK, 2015, p.76). Isso se parece exatamente com a descrição dos vagões de um trem de luxo. Do lado de fora, encontramos os pobres diabos entregues à lei da sobrevivência, com quase nenhuma possibilidade de ascensão entre os vagões, como se estima que há cerca de três vezes o número de excluídos do sonho capitalista global. A divisão desigual do *Perfuraneve* surpreende, como deveria chocar qualquer outra. A exclusão do trabalho e sua ideologia da meritocracia apenas revela que qualquer hierarquia precisa de um mito fundante, ou pelo menos de uma condição fundante não explicada para se sustentar. Ter pego os primeiros vagões não é muito diferente de ter nascido entre os 1,5 bilhões de vencedores da globalização e em ambos os casos, aqueles que estão fora podem sempre se perguntar: por que não sabotar ou destruir a máquina? Ou ainda, como uma sociedade desse tipo se sustenta?

Existem figuras de poder facilmente identificáveis e até caricatas, o presidente, responsável pela gestão do trem, o monsenhor, representando o poder da religião para distrair o povo, os militares que garantem condições para que o presidente possa governar. Não se trata apenas de uma composição de forças, pois há ainda um poder menos explícito, porém repetidamente reafirmado, que é o controle das imagens difundidas, sejam elas para dar notícias muitas vezes falseadas sobre os acontecimentos de risco do trem com o objetivo de imobilizar socialmente o povo alardeando o medo para paralisar a consciência; seja simplesmente para distrair os moradores com assuntos triviais. Uma fina sintonia se dá entre o discurso religioso e o mundo dessas imagens: o reverendo é chamado a discursar nos momentos de tensão para distrair a população dos vagões de trás, enquanto são enunciadas em diferentes momentos de pânico o início de emissões sobre, por exemplo, a vida das centopeias ou “um apaixonante documentário” sobre os cupins. As imagens que difundiam ou eram notícias reconfortantes, porém falsas, ou programas nostálgicos, ou de assuntos inócuos, que amortecem mais do que acendem a consciência. Tudo isso configura a imagem de um mundo iníquo, já que a realidade é um caos perigoso, o melhor a fazer é se distrair.

Mas num levante “o ataque é feito às estruturas de controle, essencialmente às ideias” (BEY, 2018, p.5). Esse lugar de fala, que seria o da mídia, é disputado pelos insurgentes. Proloff e Belleau e depois Puig e Val arriscam-se para derrubar as narrativas manipuladas, num gesto isento de lucros ou interesses pessoais, eles atuam como “Assanges”, “Snowdens” e “Greenwalds” dessa ficção:

Belleau toma o microfone para denunciar pelos alto falantes em todos os vagões a farsa dos governantes; Val mostra na tela a conversa secreta dos governantes para se livrar de Puig; Puig abre o jogo sobre a possibilidade de um sinal captado. Os insurgentes demonstram um compromisso com a verdade, em oposição às falas oficiais dos dirigentes. A partir deles, os vagões de trás e as manobras do poder já não podem mais ser ignorados, os mecanismos de controle da verdade foram desnudados.

A HQ também está longe de um pacto fechado com o niilismo das causas perdidas em outro sentido: em sua conversa com o presidente, este confessa a Proloff que o movimento da máquina está diminuindo aos poucos, os moradores da frente culpam os vagões finais, acoplados de última hora, como responsáveis por isso. No momento finais, Proloff percebe que o trem acelera, os vagões foram abandonados. A homologia é que nossa “locomotiva capitalista” também traz a reboque uma carga que a torna cada vez mais lenta, que por fim paralisará nosso movimento e enfim nos jogará na própria situação vivida no *Perfuraneve*: o apocalipse climático ambiental e o descarte do excedente que não dispuser do poder e da tecnologia para escapar da situação. Sabe-se que o aquecimento global vai prejudicar principalmente os países do hemisfério sul, onde a temperatura ficará mais quente inviabilizando a agricultura e onde estão concentradas as nações mais pobres – ironicamente, as que menos podem ser responsabilizadas pelo aquecimento.

A obra inverte nossa atual preocupação com o problema do calor e suas consequências para uma hecatombe a partir do frio e da neve. O filme é ainda mais explícito: tentativas de esfriar o clima através de químicos lançados na atmosfera deixaram acidentalmente a terra fria e inabitável. Nos fóruns sobre o aquecimento global, tem sido debatido o fato de os países ricos também já estarem investindo em pesquisa em tecnologia para diminuir a temperatura no seu território, o que vai afetar os outros países que não dispuserem dos mesmos recursos. Na HQ, não se sabe precisamente o que causou o desastre, “a guerra” é mencionada em sua conversa com o intelectual da máquina, mas Proloff lança dúvidas sobre a “coincidência” em existir um trem preparado exatamente para tais circunstâncias.

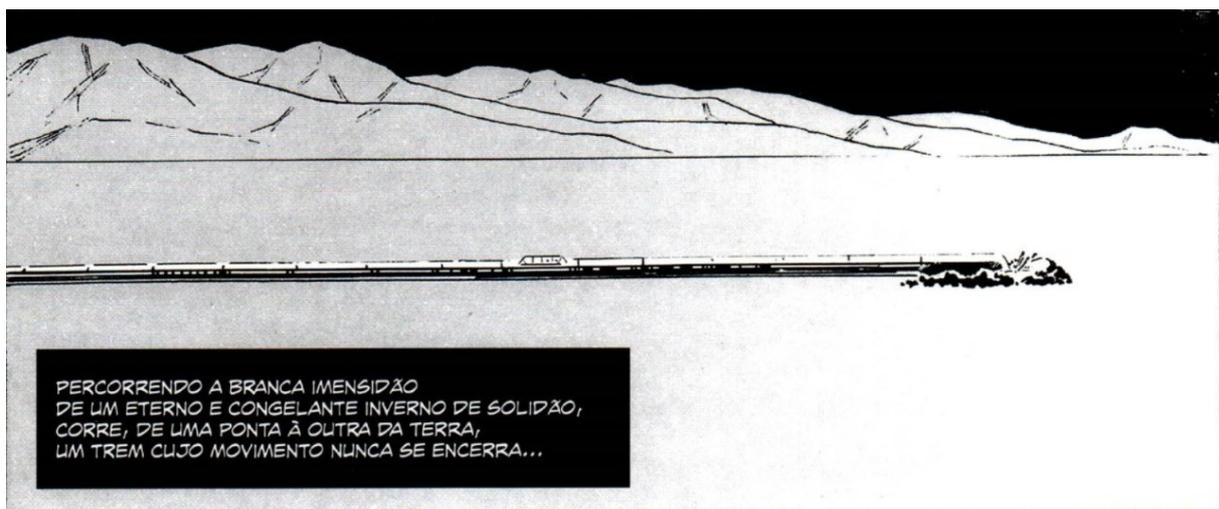
Os conhecedores de HQs imediatamente lembram da argentina *O Eternauta*, (H. G. Oesterheld e Francisco Solano López, 1957), que já ambienta esse colapso invertido em uma Buenos Aires atingida por uma estranha neve tóxica que a todos dizima. Assim como no *Perfuraneve*, a população é surpreendida, na manhã seguinte, todos os que tiveram contato com a neve estão mortos. Esse deslocamento frio-calor funciona num primeiro nível como um chamado à conscientização: seja qual for a temperatura, a vida na terra está sob ameaça caso não transformemos coletivamente nossa organização. Tanto na ficção como em nosso mundo, os líderes seguem com sua política pequena, e num último momento, após inúmeras dissimulações sobre o verdadeiro risco, podem aparecer com um lugar atulhado nos fundos de um trem, como solução

para nossos problemas. Mas, ao contrário de boa parte da população da HQ, não seremos “pegos de surpresa”, seja por uma superbactéria, um meteoro ou tragédia climática, a mensagem é clara e já foi dada muitas vezes: as condições já foram dadas e continuam sendo ignoradas.

Sobre esse aspecto, o obra seria ainda mais atual do que na sua época, considerando o alerta crescente para o aquecimento global, as mais diversas manifestações incluindo a recente marcha pelo clima em diversas cidades do mundo como forma de pressionar os governos a tomarem medidas mais drásticas pra enfrentar o tema, e ainda o fortalecimento da mobilização entre os jovens de diferentes países no mesmo sentido, mobilizados pelas redes transnacionais. Como contraponto, tivemos no Brasil um aumento drástico das queimadas na Amazônia em 2019, a tentativa do governo de diminuir a gravidade do tema em diversas aparições públicas e o deliberado enfraquecimento de instituições de controle do meio ambiente. Não se trata de uma história em quadrinhos com uma cúpula ocupada em controlar a revolta iminente com falsas imagens e discursos, mas enquanto reina a balbúrdia, o governo leva seus ministros a fazerem declarações inócuas de que o incêndio se deve ao fato de a seca desse ano ter sido supostamente maior.

Deleuze nos diz que “somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta entre os homens” (DELEUZE, 2016b, p.342). O *Perfuraneve* resiste: os habitantes resistem ao gelo e à morte fria, os insurgentes resistem (e nos inspiram a resistir) ao poder estabelecido, as canções tristes emitidas de uma estação fantasma, resistem ao tempo e aos homens, a obra iniciada na década de oitenta, resiste ao tempo e até às adaptações cinematográficas que possam lhe modificar o sentido.

Figura 4 – Recorte de O Perfuraneve



Fonte: *O Perfuraneve* (ROCHETTE; LOB; LEGRAN, 2015, p. 114), arte de Jean Marc-Rochette.

5 CONCLUSÃO

Parece que nossa pergunta retórica inicial foi afirmativamente respondida, os quadrinhos podem ser algo mais do que evasão e entretenimento. Partidários de um certo pessimismo metafísico podem lamentar o mundo do *Perfuraneve*, tanto quanto a realidade e suas tragédias cíclicas, sua organização desigual, a constante manipulação da verdade e aparente convivência e colaboração do explorador com o explorado. Do mesmo modo, uma leitura de resistência, denúncia e alerta está ora latente, ora explícita na obra. Obviamente, quadrinhos inseridos em um contexto “*mainstream*” e comercial permitem uma margem menor de desafio às ideologias dominantes por parte de seus criadores e se contentam em ser meramente divertidos entretenimentos, ou permitem “leituras convenientes”, já é aqui sabida (e denunciada) a forma como os quadrinhos de super-heróis (e seus respectivos filmes blockbuster) sustentam e justificam no plano simbólico o vigilantismo mascarado dos heróis, que desobedecem os protocolos da legalidade para garantir a segurança da nação para conter o mal ainda maior do terrorismo, ou da corrupção, como na adaptação brasileira da HQ *O Doutrinador* (Gustavo Bonafé, 2018), um claro eco ficcional da operação Lava-jato, em curso no país. Mas a arte dos quadrinhos como tal tem servido como veículo subestimado de mensagens subversivas e “leituras de oposição”. São numerosos os exemplos de artistas trabalhando em espaços exíguos de tirinhas de jornal, desalojando toda uma narrativa de poder através do escárnio (Dilbert, Mort Walker, André Dahmer, etc.) e o próprio *Perfuraneve* figura como uma máquina de guerra, cheia de metáforas poderosas, alavancas interpretativas de nossa realidade. Apresentadas as duas interpretações da obra, qual delas nos parece mais plausível ou acertada?

Parece ponto pacífico que um dos critérios para avaliar a riqueza de uma obra é sua viabilidade a oferecer uma vasta gama de leituras e sentidos. O romacista Milan Kundera chama essa característica de “desenvolvimento paralelo de correlações irônicas” (KUNDERA, 2009, p. 30), isto é, a versatilidade com que se pode ler “a moral” ou a tese de um livro. Em sua visão, grandes romances não poderiam ser resumidos a propagandas pró ou contra. Se estivermos prontos para decifrá-la, a moral da história (se há moral) é sempre múltipla ou ambivalente. As colocações que encontrarmos serão relativizadas ou até mesmo falseadas por outras, diametralmente opostas, que atuarão como contrapartes críticas dentro de uma mesma obra. Em outras palavras, aquilo que diz Umberto Eco sobre a ambiguidade da linguagem poética: aquela cujo tema principal é a própria estrutura e não um conteúdo específico ou mensagem a ser veiculada, que se estrutura como uma mensagem, mas na verdade é fonte delas (ECO, 2002, p.97). Kundera nos fala dos romances, Eco da linguagem poética, mas obras como o *Perfuraneve* deixam claro que não poderíamos excluir a arte dos quadrinhos da mesma consideração estrutural complexa.

REFERÊNCIAS

BEY, Hakim. **T.A.Z: Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Venetta, 2018.

DELEUZE, Gilles. Foucault e as prisões. In: **Dois Regimes de Loucos**. São Paulo: Ed. 34, 2016. a. p. 289–298.

DELEUZE, Gilles. O Ato de Criação. In: **Dois Regimes de Loucos**. São Paulo: Ed. 34, 2016. b. p. 332–343.

DUNCAN, Randy; SMITH, Matthew J. **The Power of Comics: History, Form and Culture** (Google eBook). New York: The Continuum International Publishing Group Inc, 2009. Disponível em: <<http://books.google.com/books?id=s-SoAwAAQBAJ&pgis=1>>

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

Guia Pervertido da Ideologia. Direção: FIENNES, Sophie. Reino Unido: Zeitgeist Films, 2012.
FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. São Paulo: Rocco, 2015.

GROENSTEEN, Thierry. **O Sistema dos Quadrinhos**. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2015.
KUNDERA, Milan. **A Arte do Romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROCHETTE, Jean Marc; LOB, Jacques; LEGRAN, Benjamin. **O Perfuraneve**. São Paulo: Aleph, 2015.

ZIZEK, Slavoj. **Lacrimae Rerum: Ensaios sobre o Cinema Moderno**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

ZIZEK, Slavoj. **Problema no Paraíso: do fim da história ao fim do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

Submetido em: 13/10/2019. Aprovado em: 10/12/2019.